



DERMAPED
4º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
DERMATOLOGIA PEDIÁTRICA
PORTO ALEGRE - RS | 29 DE JUNHO A 01 DE JULHO DE 2023

**29 DE JUNHO
A 01 DE JULHO
DE 2023**

Centro de Eventos do BarraShoppingSul
Av. Diário de Notícias, 300, Cristal, Porto Alegre - RS



Trabalhos Científicos

Título: Comparação Da Frequência De Imagens De Pele De Cor Em 2 Atlas De Dermatologia Pediátrica Brasileiros Com O Censo Do Ibge

Autores: MARIANA APARECIDA PASA MORGAN (HOSPITAL DE CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), ALICE ANDRADE GONÇALVES (HOSPITAL DE CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), EMANUELI CRISTINI SOUZA DA COSTA (HOSPITAL DE CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), VÂNIA OLIVEIRA DE CARVALHO (HOSPITAL DE CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Resumo: As diferentes cores da pele são determinadas por genética interferindo na quantidade de melanina na epiderme e derme. O termo “pele de cor”, “skin of color” na literatura americana, inclui indivíduos com aumento da pigmentação cutânea, de múltiplas raças e etnias. A cor da pele é classificada por escalas como a de Fitzpatrick, que determina fototipo pela resposta da pele à luz ultravioleta solar e baseado nas cores da pele, olhos e cabelos. Entretanto, fototipos e cores de pele não apresentam correlação linear, principalmente em indivíduos de pele escura. Uma escala mais fidedigna é a de Massey–Martin, com 10 tonalidades de pele representadas por uma mão de forma idêntica. Como o grau de pigmentação interfere na semiologia dermatológica, é necessário que a literatura médica ilustre todas as tonalidades de pele. Pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população brasileira é classificada por autodeclaração. Na pesquisa de 2019, cerca de 56% dos brasileiros se declaram negros. Em livros textos americanos de dermatologia pediátrica menos de 40% das imagens são de pele de cor (30% médio/marrom e 8,5% preto). Não há estudos na literatura brasileira sobre a frequência de cada cor de pele em livros nacionais. Avaliar a frequência de imagens de pele de cor escura em dois atlas de dermatologia pediátrica brasileiros, e comparar com a distribuição do censo do IBGE. Estudo documental prospectivo de avaliação da cor da pele de imagens de dois atlas de dermatologia pediátrica. Todas foram avaliadas em sua versão impressa por três pesquisadores, classificadas segundo a escala de cor de pele de Massey–Martin e agrupadas em: branco 1-2, marrom claro 3-5, marrom escuro 6-8 e preto 9-10. Os atlas possuem 1585 imagens, destas 16 foram excluídas por não serem dermatopatias, 196 por avaliação prejudicada, como flash e zoom excessivo, e 163 por se tratar de imagens de mucosas, cabelos e unhas. Em 1210 imagens foi possível classificar a cor da pele: 676 (55,9%) branco, 524 (43,3%) marrom claro e 10 (0,8%) marrom escuro. Nenhuma imagem do grupo preto. Esses dados diferem do IBGE, que 56% dos brasileiros se autodeclaram negros. Um dos atlas, com 1 imagem marrom escura, é de uma instituição da região sul com números menores de autodeclarados negros, cerca de 26%, podendo refletir os resultados de imagens de pele de cor menores. O segundo atlas, 9 imagens marrom escuro, é da região sudeste que tem cerca de 49% de autodeclarados negros, podendo justificar a diferença. Entretanto, os livros são instrumentos de estudo nacional, devendo conter mais imagens de pele de cor. As imagens de pele escura foram representadas com menor frequência nesses atlas. Esse achado é semelhante a literatura americana e isto prejudica a educação médica no reconhecimento de dermatopatias em pacientes de pele escura. As populações de pele de cor escura estão aumentando em todo o mundo, sendo necessário que os dermatologistas reconheçam as suas diferenças.